

FESTAS E FEIRAS DE SEMENTES CRIOULAS: Construção de Práxis de Resistência Frente a Agricultura Convencional

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2024.61.16027>

Submetido em: 28/5/2024

Aceito em: 5/7/2024

Luciana Galvão Martins¹; Valdir Frigo Denardin²

RESUMO

As Festas e Feiras de Sementes Crioulas têm se multiplicado no Estado do Paraná, as quais são espaços de troca de saberes, articulação política e de ações voltadas para preservação, multiplicação e produção de sementes crioulas e o fortalecimento da agroecologia e da agrobiodiversidade. Entre os anos de 2020 a 2024, no Paraná, ocorreram 9 Festas e Feiras de Sementes Crioulas, que não se configuraram somente como festas ou eventos culturais, mas também como arena de práxis territoriais e espaços dinâmicos de intensas movimentações políticas, discursivas e contestatórias contra o modelo de agricultura convencional. O objetivo da investigação é entender como as feiras de sementes crioulas se constituem como espaços de resistência e transformação, destacando a centralidade da semente crioula e a agroecologia. A pesquisa utilizou Observação Participante e a História Oral, focando na visão dos sujeitos sobre a importância das feiras e suas visões de mundo, a partir de suas memórias e narrativas. As sementes crioulas guardadas, repassadas, trocadas e cultivadas visam ao fortalecimento da agroecologia em um movimento reterritorializador pela semente dentro dos espaços das feiras. Ao mesmo tempo, transcendem a eles, são resistências a um modelo de agricultura que utiliza sementes transgênicas e que desconsidera as diversidades, heterogeneidades e pluridiversidades. O espaço vivido está no cotidiano e na construção coletiva, é nesse agir que está a resistência. As Festas Feiras de Sementes Crioulas realizadas dentro das comunidades tradicionais possuem uma relevância diferenciada. As promovidas fora desses territórios possuem como foco o diálogo, a partilha, a comercialização e trocas de sementes.

Palavras-chave: feira de sementes crioulas; pluriverso; pesquisa observação participante.

CREOLE SEED FAIR PARTIES: BUILDING RESISTANCE PRACTICES IN FRONT OF CONVENTIONAL AGRICULTURE

ABSTRACT

The Creole Seed Fair Festivals have multiplied in the State of Paraná, they are spaces for exchanging knowledge, political articulation and actions aimed at the preservation, multiplication and production of Creole seeds and the strengthening of agroecology and agrobiodiversity. Between the years 2020 and 2024, in Paraná, nine Crioula Seed Fair Festivals were observed, which were not only configured as festivals or cultural events, but also as an arena for territorial praxis and dynamic spaces of intense political, discursive and contestatory movements against the conventional agriculture model. The objective of the investigation is to understand how Creole seed fairs constitute spaces of resistance and transformation, highlighting the centrality of Creole seeds and agroecology. The research used Participant Observation and Oral History, focusing on the subjects' views on the importance of fairs and their world views, based on their narratives and lived experience. The Creole seeds saved, passed on, exchanged and cultivated aim to strengthen agroecology in a re-territorializing movement for the seed within the spaces of the Creole Seed Fair Festivals. At the same time, they transcend them, they are resistance to an agricultural model that uses transgenic seeds and that disregards diversities, heterogeneities and pluridiversities. The lived space is in everyday life and collective construction, it is in this action that resistance lies. The Creole Seed Fair Festivals held within traditional communities have a different relevance. Those carried out outside these territories focus on dialogue, sharing, commercialization and exchange of seeds.

Keywords: criollo seed fair; pluriverso; participant observation research.

¹ Universidade Federal do Paraná. Curitiba/PR, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-2879-3172>

² Universidade Federal do Paraná. Curitiba/PR, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-8074-6544>

CONVITE À REFLEXÃO

Partindo da condição de que o “território tem distintos significados” (Saquet, 2019b, p. 27), nele existe uma gama de completudes e complexidades, práxis dialógicas de cooperação, de participação e de influências. E, para sua conceitualização é preciso considerar as diversas redes e escalas, as identidades e as diferenças, bem como as relações de poder e de resistências. Os territórios contêm relações de base local, cultural e ecológica, segundo Saquet (2018, p. 149), em que os sujeitos exercem papel fundamental dentro do lugar e na “ativação de territorialidades voltadas para a cooperação, a solidariedade, a luta e a resistência política diante das forças hegemônicas do capital e do Estado burguês”. Nesse sentido, a concepção de “territorialidade ativa”, apontada por Dematteis (2008), surge como ação e interação que ocorre entre diversos sujeitos do território, com a intenção de atender suas necessidades e propósitos. Na concepção aqui adotada entende-se que os sujeitos são protagonistas de mobilização, luta e resistência e com diversas relações no território (materiais e imateriais), bem como afirma Saquet (2018, p. 482), os “sujeitos são múltiplos, nos espaços urbanos e rurais, vivendo cotidianamente como sínteses das relações sociedade-natureza”, ou seja, são diversas as suas relações e intersecções dentro do espaço.

O território, concebido não apenas como terra, mas como resultado do agir humano no lugar, é uma construção coletiva e multidimensional, relacional-histórica entre seres humanos e natureza, moldada num determinado tempo e espaço, podendo ser transitório, fluido e volátil. Para Escobar (2014a), a equação território mais cultura, ao mesmo tempo que é material é também simbólica (imaterial). Escobar (2010) contrapõe a predominância de um único sentido ou “voz” (universo monológico), propondo o pluriverso como resposta. Ele convida a estudar o pluriverso para compreender iniciativas fundamentadas em outras ontologias, abrindo espaço para a diversidade de visões e cosmologias de mundo. Se a modernidade e o consumismo enfatizam a perspectiva antropocêntrica, a abordagem biocêntrica quebra com essa simplificação do antropocentrismo (Escobar, 2005, 2010). Em outras palavras, a persistência das comunidades e movimentos de base étnico-territorial leva à resistência, oposição, defesa e afirmação dos territórios (Escobar, 2015, p. 92).

Dito isso, as Festas e Feiras de Sementes Crioulas têm se multiplicado no Estado do Paraná, são espaços de troca de saberes, articulação política e de ações voltadas para preservação, multiplicação e produção de sementes crioulas e o fortalecimento da agroecologia e da agrobiodiversidade. A agrobiodiversidade é uma exigência e uma contestação proposta pelos próprios sujeitos sociais dentro dos espaços das Festas e Feiras de Sementes Crioulas, que apostam na diversidade genética como base nutricional alimentar. Esses eventos acontecem em diversas comunidades rurais e municípios, mobilizando famílias agricultoras, organizações da agricultura familiar com o objetivo também de valorização dos povos indígenas, quilombolas, caiçaras e faxinalenses. As feiras envolvendo sementes crioulas são frutos do conhecimento e da resistência dos modos de produção que buscam a independência das sementes comerciais e da agricultura hegemônica pautada na utilização de insumos e agrotóxicos.

Este artigo é o resultado de uma pesquisa qualitativa de observação participante entre os anos de 2020 e 2024, nas Festas e Feiras de Sementes Crioulas, no Paraná. Esse artigo teve como objetivo apresentar como nos espaços que as feiras/festas de sementes crioulas se constituem como práxis territoriais em que ocorrem movimentações políticas, discursivas

e contestatórias de uma visão de agricultura sem o agrotóxico e sem influência da hegemonia do agronegócio. Embora as reivindicações estejam na retórica das feiras e as práticas agroecológicas com as sementes crioulas sejam a principal pauta, a ameaça das consequências do agronegócio está presente nas disputas territoriais enfrentadas no cotidiano, como também em questões de contaminação de sementes, de solo e de águas. O discurso dentro das feiras, no entanto, é claramente reivindicativo por direitos e justiça. Nelas luta-se pela defesa e direitos dos povos indígenas, quilombolas, faxinalenses, ribeirinhos e famílias guardiãs urbanas e rurais. Se de um lado as forças de disputas no rural levam para um processo de desterritorialização, em outro percebe-se movimentos de reterritorialização para outras territorialidades. Desvenda-se também a existência de naturezas e realidades diversas antes mesmo das nomenclaturas convencionais adotadas, dos múltiplos saberes e formas de agir. Formas de práticas que incorporam os saberes populares, entendimento da natureza, do ser e da existência de mundo apartados de determinismos, são epistemes baseadas nas práticas e modos de vida.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A proposta metodológica da pesquisa buscou no levantamento de informações junto aos feirantes, participantes e organizadores das feiras de sementes crioulas, tendo na pesquisa de observação participativa seus propósitos de investigação, baseando-se em Catherine Walsh (2013), Carlos Rodrigues Brandão (1981), Paulo Freire (2002) e Orlando Fals Borba (1996).

Destacam-se 6 participantes das entrevistas semiestruturadas realizadas com suas respectivas representatividades de movimentos sociais (Quadro 1), em 9 Festas e Feiras de Sementes Crioulas, no Estado do Paraná, entre os anos de 2020-2024. Além da pesquisa de observação participante, utilizou-se a história oral como instrumento de pesquisa, considerando os processos narrativos orais de experiências envolvendo pessoas e suas memórias. Não foram aplicadas análises de conteúdo ou análise do discurso; focou-se exclusivamente na visão dos próprios sujeitos sobre a importância das feiras de sementes e nas suas leituras e visões de mundo. Esta pesquisa não se concentrou na compreensão de variedades de genomas ou das diversidades de sementes que estavam presentes nas feiras.

Quadro 1 – Entrevistas realizadas entre 2022 e 2024

Participantes	Representações – Movimentos Sociais
Participante 1	Rede de Sementes da Agroecologia (ReSA), Coletivo Triunfo, Movimento Sem Terra (MST) e Guardiã da Semente
Participante 2	Coletivo Triunfo, Agricultura Familiar e Agroecologia (AS-PTA) e Rede de Sementes da Agroeco (ReSA)
Participante 3	Casa da Semente e Associação Brasileira de Amparo à Infância (Abai)
Participante 4	Rede de Sementes da Agroecologia (ReSA), Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (Capa) e Associação Morretes Agroflorestal e Ecológica (Amai)
Participante 5	Rede de Sementes da Agroecologia (ReSA) e Comissão Pastoral da Terra (CPT)
Participante 6	Coletivo Triunfo, Agricultura Familiar e Agroecologia (AS-PTA) e Rede de Sementes da Agroecologia (ReSA)

Fonte: Martins (2024).

As seguintes feiras de sementes fizeram parte desta pesquisa: Feira de Produção Local (29/10 a 2/11/2021, em Morretes); Um dia de Campo Feliz na Associação Brasileira de Amparo à Infância (15/11/2021, em Mandirituba); Feira das Sementes Agroecológicas, na 19ª Jornada de Agroecologia (22 a 26/6/2022, em Curitiba); 18ª Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade (16 e 17/9/2022, em Irati); Feira de Sementes e Mudas (12 e 13/11/2022, em Morretes); 19ª Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade (25 a 26/8/2023, em Palmeiras); Festa Feira de Sementes Crioula no Quilombo da Restinga (16/9/2023, na Lapa); Encontro com os povos originários (7/10/2023, em Mandirituba); Festa das Sementes e dos Guardiães e Guardiãs da Biodiversidade (8/10/2023, em Mandirituba).

Considera-se que a constituição de uma metodologia vai além das definições de métodos, instrumentos de pesquisa e de categorias de análise, organiza-se também em reflexões como participante e observadora nas feiras de sementes crioulas. Conforme Walsh (2013, p. 13), “descentralizar a pedagogia da educação, ir além da pedagogia crítica” é para uma conduta que convoca uma “postura muito mais política, enraizada nas lutas de existência e vida”, trata-se de um desafio para uma pedagogia crítica transformada como prática insurgente.

Segundo Brandão (1981, p. 12) sobre a pesquisa participante, “a participação não envolve uma atitude do cientista para conhecer melhor a cultura que pesquisa”, ocorre por uma relação dialética entre objetividade e subjetividade. Fals Borba (1996, p. 179) ressalta que deriva da concepção de uma abordagem diferente para gerar conhecimento pela investigação social, mas também com o diálogo e no encontro entre pesquisadores(as), pesquisa e participantes, organizando quatro diretrizes: i) sobre a distância entre o sujeito e o objeto, deve ser preenchida com respeito aos conhecimentos dos(as) pesquisados(as) e das comunidades pesquisadas como parceiros e copesquisadores; ii) seja receptivo a narrativas e não confie em visões da história elitista “e da ciência que responde aos interesses dominantes”; iii) perceba valores e práticas locais sem depender unicamente de sua cultura em relação aos fatos; iv) partilhe e divida o que aprendeu sem impor o “seu próprio estilo científico” (não deve ser monopólio de especialistas), em busca de uma ciência sentipensante, com outro perfil como “*aquella persona que trata de combinar la mente con el corazón, para guiar la vida por el buen sendero y aguantar sus muchos tropiezos*” (Fals Borba, 2009, p. 9-10). De um unir experiência e linguagem, segundo Gomez (2021, p. 510), “criam uma promessa revolucionária, uma gramática para o futuro”, ao mesmo tempo que questiona a separação provocada pela modernidade capitalista (mente/corpo, razão/emoção, humanos/natureza...). Nesse sentido, o propósito de se fazer uma pesquisa participativa vem da preocupação de fazê-la com os atores/sujeitos sociais e não somente sobre eles.

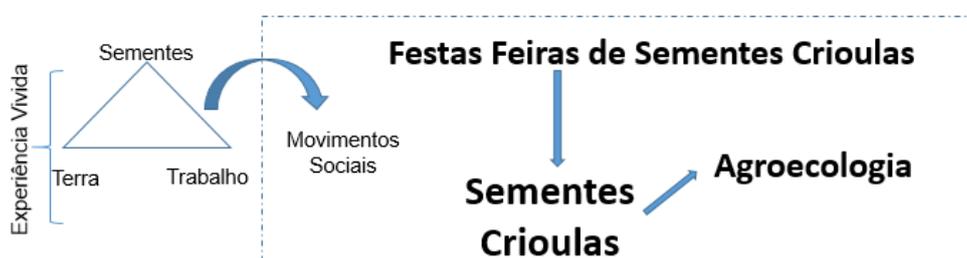
TERRITÓRIOS DAS FESTAS E FEIRAS DE SEMENTES CRIOULAS

Escobar (2014a, p. 75) ao questionar: “¿Cómo pensamos esta defensa de la vida?”, na parte intitulada “*Territorialidad, ancestralidad y mundos*”, do livro *Sentipensar con la tierra: nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia*, relaciona essa pergunta com as ações e atividades que os movimentos sociais contemporâneos estão realizando para enfrentar obstáculos, para abordar e defender a vida. Segundo o autor, os movimentos sociais apostam na diferença, investindo na identidade e no exercício da autonomia dos sujeitos em diversas expressões.

Durante as entrevistas de observação participante nas Festas e Feiras de Sementes Crioulas no Paraná (2020-2024), percebeu-se que tanto os movimentos sociais como as

entidades envolvidas organizadoras e participantes procuravam legitimar suas práxis e ações com as sementes crioulas, numa perspectiva de cooperação e de bem comum. Conforme a Figura 1, as sementes fazem parte do seu cotidiano e experiência vivida na agricultura, envolve o trabalho-ação, a terra e as sementes. Do plantar ao colher, essa experiência é diária e fundamental para a vida agrícola. De acordo com o depoimento do agricultor, guardião da semente e expositor em feiras, que faz parte dos movimentos sociais da ReSA, Coletivo Triunfo, MST (Participante 1, 2022), a “*semente me salvou*”, ou ainda quando questiona, “*Existe presente maior que a semente?*”, reconhecendo o entendimento que a semente é insumo fundamental da agricultura para a geração de alimentos. Somando-se a essas práticas estão as atuações dos movimentos sociais.

Figura 1 – Esquema das Festas e Feiras de Sementes Crioulas



Fonte: Martins (2024).

Assim, a principal motivação por trás das feiras de sementes é o interesse das comunidades, famílias agricultoras e famílias guardiãs em participar desses eventos; segundo o entrevistado que faz parte do Coletivo Triunfo, ReSA e AS-PTA (Participante 2, 2023), é o primeiro passo para que ocorra uma organização de Feiras de Sementes. As feiras são oportunidades de intercâmbio que vão além da transação comercial envolvendo as sementes crioulas, é possível constatar trocas de sementes, vendas de artesanatos e alimentos provenientes da agricultura familiar. Segundo relatos deste último entrevistado, no passado as trocas aconteciam principalmente entre vizinhos, que se ajudavam mutuamente com sementes, alimentos ou produtos excedentes, além de colaborarem com os mutirões agrícolas. Além disso, entre as famílias era comum perder certas variedades de sementes, seja por algum evento climático, dificuldades no processo de conservação e armazenamento ou durante uma colheita. Já em outro momento, o entrevistado e organizador de Feiras de Sementes, além de fazer parte da AS-PTA, do Coletivo Triunfo e da ReSA (Participante 6, 2023) afirma que as feiras já viraram uma tradição na agricultura familiar no Paraná, para trocas de sementes e relato de experiências. Para ele, durante muito tempo as feiras ficavam restritas entre as famílias agricultoras e pessoas do movimento rural, contudo percebeu-se que as feiras acontecendo mais próximas dos centros urbanos a participação de quem mora na cidade aumentou.

Quando perguntado aos entrevistados o que acreditam que iremos comer daqui a 30 ou 50 anos, constatou-se que em todas as respostas estava a afirmação que no futuro provavelmente não existirá tanta diversidade de alimentos e estariam concentrados em algumas variedades. No depoimento a seguir o participante 2 (2023) ressalta acreditar que a alimentação poderá ficar restrita a poucas diversidades de cereais, frutas e legumes.

Não vai ser tanto tempo assim não, mas é o básico né, mas o que já a gente consome são três cereais: milho, soja e trigo. E quem sabe feijão, acho que é base cultural do Brasil. Basicamente isso. E umas três ou quatro frutas: maçã, pera e uva. E as básicas ali as couves, brócolis e alface. Acho que só isso né. Aquela diversidade que a gente tinha de comida né... Igual, só pra você ter umas ideias, esse tempo aí, falei até para o André, eu fui na casa da mãe lá e fiquei impressionado um monte, num dia normal assim né tinha 9 variedades de alimentos diferentes em cima da mesa, envolvendo batata-doce, tinha mandioca, cará, salada com um monte de coisa, três, quatro, cinco de frutas. Essa diversidade acho que não vai ter mais a gente vai ficar comento isso e à base de agrotóxico (Participante 2, 2023).

Já no relato a seguir é demonstrado um certo pessimismo em relação ao futuro, ao mesmo tempo em que celebra o acesso à diversidade que sua família possui em sua propriedade, uma vez que vai continuar produzindo alimentos saudáveis para suas refeições. Além disso, indica que se as pessoas tivessem conhecimento das variedades de determinados tipos de alimentos, poderiam se interessar pela diversidade e o consumo mais diversificado.

Eu não sei, do jeito que caminha hoje, acho que vamos estar se alimentando por sachê, de alguma coisa injetável na veia. O povo não vai estar se alimentando e não vai ter dente mais. Elas compram coisas tão fácil né. É tudo superindustrializado, não sei. Eu vou estar comendo bem e os meus também! A gente está aqui para isso, para ter todas as variedades e não estar preso ao mercado que diz o que a gente vai comer, que é feijão preto e carioca. Olha a variedade de feijão que a gente tem, é enorme. De arroz que existe, o povo nem sabe (Participante 3, 2024).

A preocupação com a escassez de variedades de alimentos, no depoimento a seguir, da participante 4, relaciona-se com as mudanças climáticas que podem afetar diretamente a produção de alimentos, com aumento de períodos de seca e de chuva, aumento de temperaturas, eventos climáticos extremos. A preocupação com as mudanças climáticas está ligada com a compreensão da ameaça à segurança alimentar e ao futuro da alimentação. Outro ponto interessante é o fato das adaptações das plantas às condições climáticas locais, que podem levar a novas descobertas. Para Gliessman (2000), na perspectiva do tempo geológico, a flora e a fauna podem experimentar mudanças constantes, resultando no surgimento de novas espécies e extinção de outras, devido à seleção natural e interações com o ambiente. Concilia ao fato também de que as ações realizadas no presente podem ter como consequências a não interrupção das variedades alimentares locais. Para Barros, Silva e Santos (2022), os Bancos de Sementes desempenham um papel importante na preservação das sementes e segurança alimentar, as sementes crioulas podem reverberar sobre diversas condições sociais, culturais e ecológicas. Os Bancos e Casas de Sementes têm esta função de manter conservadas e guardadas sementes para as futuras gerações, esse é seu objetivo.

A gente vive a crise climática desde sempre, a gente está caminhando para ela cada vez mais acentuada. Esse é um caminho que não sei se a gente reverte 100%, talvez se a gente mudar a política e as formas de produção talvez a gente amenize. Mas a gente está num nível de esgotamento a nível de planeta muito grande. Então eu acho que a gente vai ter uma perda de variedade de alimentos muito grande, talvez a gente consiga aí as plantas estão sempre se inovando, se adaptando, pode ser que a gente tenha novas espécies aí. Novas espécies foram descobertas, mas saber que ao longo desses anos, elas não foram se mudando pra serem da forma que são, né. Então assim eu espero, não sou presa a comer o que a gente já come, mas que a gente tenha uma variedade grande e que a gente não se limite ao que é comercialmente, que é artificialmente produzido. Que a gente consiga

manter uma variedade alimentar que contemple as características de cada território e de cada local. O alimento é muito isso, muito adaptado ao clima e a questão dos nutrientes que a gente precisa ter de acordo como local que a gente está (Participante 4, 2024).

Segundo o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (2022), a temperatura média da Terra esteve em torno de 14°C no século 19, para os atuais 15,2 °C (70% deste crescimento foi após 1950). E, se as emissões de gases de efeito estufa não se reduzirem até 2100, podemos ter um comprometimento da vida no planeta. A participante 5 (2024) ressalta essa preocupação com as próximas décadas:

Arroz, inhame, abóbora, mandioca, mas eu não sei. Porque fala que a gente nem vai existir daqui a 50 anos. A minha geração não sei, eu estou dizendo o que estamos deixando, os nossos netos, se a humanidade não tiver uma atitude mundial em relação à natureza a gente não vai existir. Nossa espécie vai ser extinta, tinha uma projeção de 30 anos, eu não sei, se não tiver cuidado vamos morrer todos juntos (Participante 5, 2024).

No artigo intitulado *Diversidade na Produção Agrícola para uma Alimentação Saudável e Sustentável*, de Abramovay *et al.* (2023), publicado pelo Grupo de Trabalho do G20, por ocasião das discussões sobre sistemas alimentares pelos pesquisadores da Cátedra Josué de Castro, da Faculdade de Saúde Pública da USP e do Instituto Comida do Amanhã, nele estão presentes algumas discussões que debatem o futuro alimentar da humanidade. A redução de uma diversidade alimentar pode contribuir cada vez mais para uma uniformização alimentar, ou seja, para uma monotonia alimentar. O termo monotonia engloba características como padronização produtiva como base alimentar e a “dependência humana do comércio global para alimentação humana de poucos produtos distribuídos por algumas poucas empresas” (Abramovay *et al.*, 2023). A monotonia alimentar implica diretamente a segurança e soberania alimentar, na saúde e na agrobiodiversidade. Se a diversidade alimentar estabelece relações com a segurança nutricional, sua perda ou redução podem acarretar na não obtenção de nutrientes importantes e essas deficiências acabam por ocasionar doenças cardíacas e obesidade, tornando necessária a reposição nutricional. O acesso a um número limitado de cultivos agrícolas para a alimentação pode ter como consequências uma aceleração de problemas climáticos e impacto ambiental, reforçando a urgência de priorizar a transformação dos métodos de produção de alimentos, inclusive “para incluir práticas que permitam que a agricultura e a pecuária respeitem os limites ecossistêmicos do planeta”. Abramovay *et al.* (2023) ressaltam que “90% do que os seres humanos comem de, no máximo, 15 culturas, com 66% delas concentradas em apenas nove produtos; trigo, milho e soja que respondem por 50% do suprimento”.

É importante ressaltar que as Festas e Feiras de Sementes Crioulas são celebrações da vida, tendo também como foco reivindicar os direitos da natureza e a sobrevivência alimentar, da agricultura livre de insumos e agrotóxicos. Conforme Toledo (2021, p. 193), a agroecologia vem sendo utilizada como “ferramenta para a reivindicação e a defesa de seus territórios e recursos naturais, seus estilos de vida e seu patrimônio biocultural”. Nas premissas das organizações das feiras realizadas pela Associação Brasileira de Amparo à Infância (Abai), Coletivo Triunfo, Agricultura Familiar e Agroecologia (AS-PTA) e Rede de Semente da Agroecologia (ReSA), além do fortalecimento da agroecologia como projeto político, futuro e de vida e a valorização da semente, é encontro da diversidade, o encontro dos povos para fortalecimento entre eles, para diminuir o afastamento e gerar diálogo. Em todas as Festas e Feiras de Sementes visitadas estavam presentes nas barracas a representatividade de movimentos sociais e posicionamentos

políticos agroecológicos de resistência (tais como de gênero, de raça e dos povos da terra e das águas). São comunidades quilombolas, povos indígenas originários, faxinalenses, ribeirinhos, caiçaras, entre outras diversidades, tais como as próprias famílias agricultoras, famílias guardiãs, comunidade LGBTQI+ do Movimento dos Sem Terra (MST), movimentos feministas da agroecologia, entre outras comunidades e movimentos sociais presentes nas feiras. Conforme Toledo (2021, p. 194), os movimentos caminham para um fazer agroecologia como uma “abordagem transcultural participativa e orientada para a ação”. A guardiã, agricultora, organizadora de feiras, além de fazer parte da Comissão Pastoral da Terra e a ReSA (Participante 5, 2024), enfatiza que o encontro e a partilha ajudam no fortalecimento das comunidades e de suas práticas, ao mesmo tempo que buscam soluções e compartilham dificuldades e lutas.

Retoma-se a pergunta: “¿Cómo pensamos esta defensa de la vida?”. De acordo com o que foi exposto nos depoimentos e relatos dos(as) entrevistados(as) por meio de suas falas, seus modos e experiência vivida, as sementes crioulas levadas para a feira pelas famílias agricultoras e o movimento da narrativa dos interlocutores que organizam a feira direcionam um “sentipensar” integrado com a natureza e a sua defesa. Só é possível a semente crioula germinar e produzir alimento de qualidade se o solo e a água não estiverem contaminados. Como analisado por Escobar (2005, p. 69), a associação da experiência enraizada com a vida diária conecta a cultura e a identidade, se amplia e não se fixa, ou seja, a noção de semente crioula associa-se à soberania e segurança alimentar, à luta e defesa pela terra. As práticas com as sementes crioulas promovem a defesa do lugar, e a materialidade da semente tende a não enfraquecer o discurso agroecológico.

Escobar (2014a) afirma que os movimentos sociais contemporâneos estão focados em lidar com a defesa da vida, valorizando a diversidade e enfatizando a identidade em suas mais diversas manifestações. Conforme os promotores das Feiras, elas devem ser espaços que reúnam pessoas nas suas mais variadas formas e movimentos, pela semente e pela agroecologia. Neste contexto, como ocupação territorial (espaço da feira), centrada na produção, venda e troca de sementes, venda de alimentos, artesanatos e produtos provenientes da agricultura familiar, que se manifestam a partir de ações e relações dos sujeitos (práxis): de organização, de cooperação, na busca de autonomia, de resistência e luta política ao agronegócio, insumos químicos, monocultura, sementes transgênicas, destruição da natureza.

TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADES E RESISTÊNCIA

As discussões sobre o processo de apropriação e usos das sementes pelos sistemas modernos de agricultura demonstram um cenário de disputa e luta, são reflexões complexas envolvendo o monopólio da natureza e apropriação da agrobiodiversidade (colonização da natureza e dos corpos humanos e não humanos) e a mercantilização das sementes. Na busca da compreensão dos espaços das Feiras de Sementes Crioulas e como os sujeitos constroem práxis de resistência, percebeu-se que dinâmicas de luta e de reivindicações nos mais diversos movimentos sociais giram em torno das sementes crioulas.

Shiva, Pande e Singh (2004) ressaltam que empresas transnacionais produzem sementes que acabam por criar a dependência dos agricultores, por deterem o patenteamento biológico e genético. Dessa forma, essas empresas possuem sobre elas o direito de multiplicação e comercialização. As autoras ressaltam que a conservação da biodiversidade agrícola é inviável

sem a participação das comunidades, que desempenham um papel fundamental na proteção de plantas e animais.

Quanto às sementes utilizadas pelas grandes ofertantes nas entrevistas apareceram questões de dependência do agricultor quanto às sementes modificadas, com consequências na saúde. Em 2023, a química e farmacêutica alemã Bayer perdeu um processo relacionado a acusações de efeitos cancerígenos do Roundup (herbicida à base de glifosato), sendo condenada a pagar cerca de U\$ 1,56 bilhão a quatro pessoas que contraíram câncer durante o uso deste insumo, que foi vendido pela Monsanto, pertencente à Bayer (Brasil de Fato, 2023).

Eles tentam dominar, ofertar o que eles têm o poder. Modificam geneticamente, para que a gente fique dependente delas, como uma forma de dominar o que a gente vai comer. Que doença vai ter, que remédios vai comprar. A mesma empresa que é dona da semente e dona da indústria farmacêutica (Participante 3, 2024).

Pode falar com o guardião, ele fala que é bom ter saúde. Agrotóxico traz doença (Participante 2, 2023).

Por conseguinte, no movimento de defesa da agroecologia pelas sementes crioulas nas feiras de sementes, emerge um projeto de vida e de reivindicação política de direitos sociais e econômicos, de acesso à terra, ao trabalho, à soberania e à segurança alimentar. Nas feiras, quando perguntado aos entrevistados se existe diálogo entre a agroecologia e o agronegócio, foram muitos os posicionamentos e as preocupações. O depoimento a seguir apresenta uma afirmação taxativa de ausência de relação entre o agronegócio e a agroecologia.

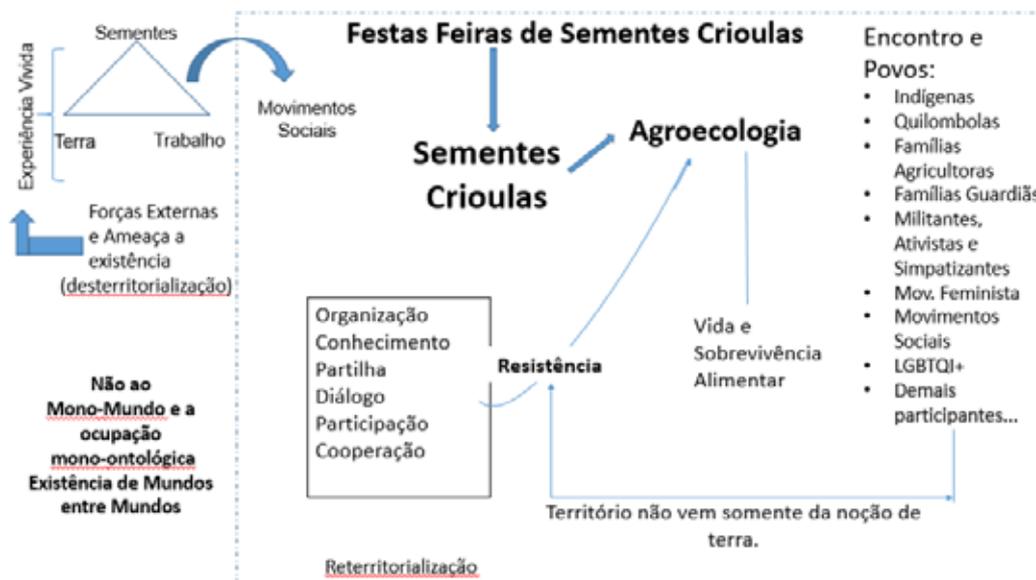
Não existe, o agronegócio é o lucro e unicamente o lucro. São antagônicos e totalmente diferentes (Participante 3, 2024).

Percebeu-se que as novas narrativas e ações dentro das Feiras de Sementes Crioulas criam condições de partilha, união e rede nos mais variados níveis, como estratégias dos movimentos sociais, dos povos originários, dos quilombolas, dos participantes, das famílias agricultoras e guardiãs, dos expositores e simpatizantes e aprendizes da luta a favor da agroecologia pela semente. Na pauta está um projeto político e pedagógico agroecológico pela semente crioula para a união e o fortalecimento dos movimentos sociais e dos povos da terra e da água (semente unificadora). Para Porto-Gonçalves (2018, p. 83-84), as articulações de determinados movimentos sociais com outros movimentos não são novidades, inclusive nas suas pautas possuem suas reivindicações particulares, mas juntos somam-se outras para seu fortalecimento e articulação de resistência.

Escobar (2014a) afirma que as lutas ancestrais das comunidades negras se construíram em mais de 500 anos de história, na tentativa de manter a memória trazida da África. As sementes crioulas possuem na sua essência a história e combinação de componentes físicos, genéticos e imateriais, que conforme Shiva, Pandé e Singh (2004, p. 137), “[...] a semente é a encarnação das ideias e do conhecimento, da cultura e do patrimônio de um povo”. Conforme a Figura 2, no esquema visual das Festas e Feiras de Sementes Crioulas, destaca-se a importância do encontro, da partilha e do diálogo. A entrevistada que faz parte dos movimentos da ReSA e da CPT (Participante 5, 2024), ressalta que a visibilidade política está presente nas feiras, a *“gente existe e coexiste com a semente, fortalece a luta”*, configurando uma práxis política e de resistência que lida com questões e desafios postos aos seus territórios e pelas adversidades da agricultura moderna. Celebrar o direito à vida, a valorização das sementes e da agroecologia nas

feiras sem esquecer que nos seus territórios são várias as forças externas que se opõem, ações e políticas que ameaçam diretamente a existência e segurança (violências, contaminações de solos, doenças provocadas por agrotóxicos, homicídios, suicídios, mineração, privatização das águas, barragens mineradoras, entre outros), fatores antagonistas que podem pôr em risco ou violar os direitos fundamentais e de território.

Figura 2 – Esquema das Festas e Feiras de Sementes Crioulas



Fonte: Martins (2024).

Saquet (2018) afirma que a partir da relação natureza-sociedade existe um universo de complexidades e de heterogeneidades nos/dos territórios:

O processo histórico também é geográfico (e vice-versa), num amplo movimento de desterritorialização e reterritorialização: na desterritorialização há perda do território inicialmente apropriado e construído, a supressão dos limites, das fronteiras, como afirma Raffestin (1978, 1984) e, na reterritorialização, ocorre a reprodução dos elementos do território anterior, pelo menos, em algumas das suas características. Acontece outra (i) materialização, com rupturas e continuidades, muito bem expressa numa das afirmações de Deleuze e Guattari (1976 [1972]), quando afirmam que o capitalismo reterritorializa constantemente o que desterritorializa (Saquet, 2018, p. 483).

Por conseguinte, a territorialização também está no agir social local e territorial, que segundo Saquet (2007), é visto como um fenômeno social envolvendo indivíduos (parte de grupos que interagem entre si) mediados no tempo e no espaço. Além disso, considera-se as práticas dos territórios mantidos por comunidades e suas organizações, para fortalecimento “étnico-territoriales”, no sentido que Escobar (2014a) propõe, pela perspectiva de território, territorialidade e territorialização e da perspectiva “ontologia política” (conflitos de visão de mundo, do real e da vida, inclusive englobando humanos e não humanos e natureza). Nesse sentido, sabe-se que território não vem somente da noção de terra, ele é constituído pelo e a partir do agir dos seres humanos no espaço, construção coletiva e multidimensional (campos de força), relacional-histórica entre seres humanos e natureza, construído num determinado tempo e espaço.

Os espaços que as feiras de sementes ocupam, independentemente do local geográfico em que estejam, mostram-se como territórios de resistência (reterritorializador) perante o modelo hegemônico, a monogania no fornecimento agrícola e suas consequências desastrosas para a agrobiodiversidade (desterritorializador). Pensar os espaços das feiras como territórios-práxis, com manifestações do agir dos sujeitos, estratégias táticas de persistências de valorização da agroecologia pela semente crioula, reexistência e desobediência quanto ao silenciamento que opera como força impositiva pelas ameaças à existência e ao território. Ao de semear coletivamente dentro das brechas ou fissuras do sistema capitalista, conforme Walsh (2017), a construção da interculturalidade buscando formas de ser-fazer-viver dentro de um movimento contínuo de desterritorialização-reterritorialização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da propositura da investigação por meio da pesquisa de observação participativa durante as Festas e Feiras de Sementes Crioulas (Paraná), buscou-se analisar como nos espaços que as feiras/feiras de sementes crioulas se constituem como práxis territoriais onde ocorrem movimentações políticas, discursivas e contestatórias de uma visão de agricultura sem o agrotóxico e sem influência da hegemonia do agronegócio. Destacou-se a diversidade de dinâmicas de práxis territoriais dos sujeitos sociais presentes, quanto ao envolvimento dos movimentos sociais e apoiadores para a realização das feiras, como também das diversas formas e natureza de ser e existir em diferentes das perspectivas de mundos, tendo como centralidade a semente crioula pela agroecologia e agrobiodiversidade.

As feiras realizadas fora dos territórios das comunidades ou nas áreas urbanas têm como objetivo promover movimentações políticas junto as autoridades, propiciar a partilha e o diálogo entre as famílias agricultoras e guardiãs, a comercialização e a troca das sementes, enquanto as feiras realizadas dentro das comunidades tradicionais abordam principalmente as dificuldades e desafios enfrentados por elas dentro dos seus territórios. A feira realizada dentro do Quilombo da Restinga (Lapa/PR) teve como propósito exaltar a própria comunidade, sua história e ancestralidade, sendo assim, todas as demandas e ações anunciadas são próprias do território, contudo concedida a ênfase na semente crioula e na agroecologia. Em destaque o problema do pedágio no entorno da BR-476 (que cortará a comunidade) e a continuidade da obra de duplicação da rodovia que atingiria parte de alguns terrenos do território quilombola, envolvendo elaboração de estratégias e lutas contra a devastação e ao custo monetário que dificilmente será absorvido pela comunidade. Não se limitaram, no entanto, a essas discussões, abordando questões de interesses comuns e de fortalecimento para promover a autonomia e visibilidade dos povos indígenas e famílias agricultoras que participaram como expositores de sementes crioulas.

As práxis dos sujeitos sociais como protagonistas fundamentais que operam nas lutas de preservação pelas sementes crioulas ressaltam que as redes formadas pelos movimentos sociais ao redor de determinados propósitos e os diálogos entre instituições promovem resistências com ações transformadoras, enfrentando as condições impostas pela agricultura convencional e hegemônica.

No Encontro com os Povos Originários e Quilombolas (Mandirituba/PR), que contou com mais de 250 indígenas de diversos povos do Paraná (Kaingang, Guarani Mbya, Guarani

Nhandewa e Xeta) e Comunidades Quilombolas de Restinga (Lapa), Família Xavier (Arapoti), Comunidade Barra do Turvo, Comunidade de Sete Barras, Comunidade Porto Velho (Adrianópolis) e Comunidade Paiol de Telha (Reserva do Iguaçu), emergiu um documento de denúncias e de lutas que foi direcionado às autoridades, no dia 13/12/2023 na Alep (Assembleia Legislativa do Estado do Paraná), em Curitiba, para mais de dez deputados. Ainda no Encontro dos Povos, as sementes crioulas estavam no centro das discussões, as preocupações se misturavam com a própria história viva, espiritual, ancestral e cultural, visando principalmente à segurança do seu território. Para os indígenas, segundo esse documento, não existe separação entre corpo-território e o território é vivo, quando são ameaçados, as consequências e reflexos agem diretamente no seu modo de ver o mundo, de fazer agricultura e na conexão com a terra dos seus antepassados.

Para os movimentos sociais que organizam as feiras para a preservação e conservação das sementes crioulas está a participação ativa das comunidades rurais agricultoras, que segundo eles, desempenham em seus territórios um papel fundamental na proteção ambiental e na garantia da diversidade alimentar. Como também, em grande medida, o destaque para um projeto político-pedagógico e agroecológico centrado na semente crioula, visando à união e a consolidação também dos próprios movimentos sociais. Os organizadores e promotores das feiras apostam na diversidade dos movimentos sociais e na abrangência das pautas, valorizando a identidade de cada grupo e o exercício da autonomia em múltiplas formas.

Há reivindicações para uma perspectiva de pluriverso, ou seja, reconhecendo e respeitando a existência e coexistência de diferentes cosmovisões e práticas para um projeto de vida, político, pedagógico e agroecológico pelas sementes crioulas. Sob essa ótica, os embates envolveram a criação de configurações estratégicas na busca de aproximações nos âmbitos culturais, afetivos e políticos, tais como nas narrativas relacionadas às sementes e à agroecologia nas festas: pela música, pela dança, pelos seminários e oficinas, pelos sabores e cheiros, pelas sementes e mudas, pelas flores e frutos, pelo diálogo, pela partilha e pelos encontros e reencontros. A contestação ao modelo de produção agrícola fundado em pacotes tecnológicos (insumos, agrotóxicos) baseados em sementes modificadas e na dependência dos agricultores(as) estava presente e foram vários os momentos que as crianças cantavam músicas contendo narrativas agroecológicas, em ciranda, inserindo uma pedagogia viva e de pertencimento ao contexto das Festas e Feiras de Sementes Crioulas. As mandalas feitas de frutas, de grãos e legumes apresentaram-se como ritualizações simbólicas que unificaram as diversidades ali presentes. As ações e práticas com sementes crioulas representam importância no debate por apresentar perspectivas diferentes das oferecidas pela ontologia da agricultura moderna.

A territorialidade emerge dessas ações cotidianas e da experiência vivida, das conexões e redes tempo/espaço, em que os indivíduos interagem entre si do/no/pelo território, pela vida e sobrevivência. Isso acontece em uma perspectiva de colaboração em grupo e participação conjunta, sob uma abordagem política que os movimentos sociais adotam para o bem comum. Como, no entanto, podemos desafiar a hegemonia moderna e oportunizar a diversidade? A promoção e a valorização da agroecologia por meio das sementes crioulas nas Festas e Feiras de Sementes têm se transformado em um mecanismo de resistência à hegemonia da agricultura convencional e dos direitos dos povos. Ademais, as feiras são espaços de manifestação e celebração de vida, de existência e de coexistência pela diversidade da agrobiodiversidade por meio das sementes e pela dialogicidade intercultural entre povos.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em diferentes momentos ao longo do processo de doutoramento no PPGMADE/UFPR.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo; MARTINS, Ana Paula Bortoletto; NUNES-GALBES, Nadine Marques; SANSEVERINO, Estela Catunda; LAGE, Luisa Gazola; TANGARI, Juliana. *Diversidade na produção agrícola para uma alimentação saudável e sustentável*. São Paulo, maio 2023. Disponível em: https://www.fsp.usp.br/site/wp-content/uploads/2023/06/t20_policybrief_diversidade-na-producao-agricola-para-uma-alimentacao-saudavel-e-sustentavel.docx.pdf. Acesso em: 21 fev. 2024.
- BARROS, João V. Nogueira; SILVA, Monalisa A. Diniz da; SANTOS, Agda R. Mota dos. Bancos de sementes comunitários: uma ferramenta de valorização do patrimônio genético vegetal – uma revisão. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 7, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/1033448/rsd-v11i730261>. Acesso em: 31 maio 2023.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRASIL DE FATO. *Bayer é condenada a pagar 1,5 bilhão de dólares a agricultores doentes por contato com agrotóxico glifosato nos EUA*. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/11/20/bayer-e-condenada-a-pagar-1-5-bilhao-de-dolares-a-agricultores-doentes-por-contato-com-agrotoxico-glifosato-nos-eua#:~:text=Um%20j%C3%BAri%20do%20Missouri%2C%20nos,les%C3%B5es%20e%20doen%C3%A7as%2C%20incluindo%20%C3%A2ncer>. Acesso em: 12 fev. 2024.
- DEMATTEIS, Giuseppe. Sistema Local Territorial (SLoT): um instrumento para representar, ler e transformar o território. In: ALVES, A.; CARRIJO, B.; CANDIOTTO, L. (org.). *Desenvolvimento Territorial e Agroecologia*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- ESCOBAR, Arturo. Lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 69-86.
- ESCOBAR, Arturo. *La invención del desarrollo*. Popayán: Universidad del Cauca, 2014b.
- ESCOBAR, Arturo. *Sentipensar con la tierra: nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia*. Medellín: Universidad Autónoma Latinoamericana, 2014a. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/escpos-unaula/20170802050253/pdf_460.pdf. Acesso em: 25 jan. 2024.
- ESCOBAR, Arturo. *Territorios de diferencia: lugar, movimientos, vida, redes*. Popayán, Colombia: Enviñó Editores, 2010.
- ESCOBAR, Arturo. Territorios de diferencia: la ontología política de los “derechos al território”. *Desenvolvimento Meio Ambiente*, Curitiba, v. 35, p. 89-100, dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/43540>. Acesso em: 20 jan. 2024.
- FALS-BORDA, Orlando. Power/Knowledge and Emancipation. *Systems Practice*, v. 9, n. 2, 1996. p. 177-181. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/BF02172931.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2021.
- FALS-BORDA, Orlando. *Una sociología sentipensante para América Latina*. Bogotá: Siglo del Hombre y Clacso, 2009. Disponível em: <https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/coedicion/fborda/>. Acesso em: 15 dez. 2023
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- GLIESSMAN, Stephen R. *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- GOMEZ, Patrícia Botero. Sentipensar. In: KOTHARI, Ashish; et al. (orgs.). *Pluriverso: dicionário do pós-desenvolvimento*. São Paulo: Elefante, 2021.
- LUGONES, Maria. Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 9, p. 73-101, jul./dic. 2008. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-24892008000200006&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 24 nov. 2021.

MARTINS, Luciana Galvão. *Festas Feiras de Sementes Crioulas: Construção de Práxis Reterritorializadoras de Resistência pela Vida e pela Sobrevivência Alimentar*. 2024. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Agrárias, Curitiba, 2024. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/88937>. Acesso em: 21 jun. 2024.

PAINEL INTERGOVERNAMENTAL SOBRE MUDANÇA DO CLIMA - IPCC. 2022. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/sixth-assessment-report-working-group-ii/> Acesso em: 21 jun. 2024.

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. *Amazônia: encruzilhada civilizatória*. Tensões territoriais em curso. La Paz: IPDRS; Cides; Umsa, 2018.

SAQUET, Marcos Aurélio. *Abordagens e concepções sobre território*. São Paulo. Expressão Popular, 2007.

SAQUET, Marcos Aurelio. *Saber popular, práxis territorial e contra-hegemonia*. Rio de Janeiro: Consequência, 2019a.

SAQUET, Marcos Aurelio. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSIO, Eliseu Savério (org.). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular, 2009. Disponível em: <https://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20GRADUACAO/PENSAMENTO%20GEOGR%20C1FICO%202017/2-LIVRO%20SAQUET%20E%20SPOSITO.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2024.

SAQUET, Marcos Aurelio; SANTOS, Roseli Alves dos. *Geografia agrária, território e desenvolvimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SAQUET, Marcos Aurelio. O território: a abordagem territorial e suas implicações nas dinâmicas de desenvolvimento. *IGepec*, Toledo: Unioeste, v. 23, p. 25-39, 2019b. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/gepec/article/view/22719>. Acesso em: 20 dez. 2021.

SAQUET, Marcos Aurelio. A descoberta do território e outras premissas do desenvolvimento territorial. *Rev. Bras. Estud. Urbanos Reg.*, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 479-505, set./dez. 2018. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/5655>. Acesso em: 1º nov. 2021.

SAQUET, Marcos Aurelio. *Singularidade: um manifesto a favor da ciência territorial popular feita na práxis descolonial e contra-hegemônica*. Rio de Janeiro. Consequência Editora, 2022.

SHIVA, Vandana; PANDE, Pooman; SINGH, Jitendra. *Principles of organic farmin: Renewing the Earth's Haverst*. Navdanya. New Delhi, India, 2004.

TOLEDO, Victor M. Agroecologia. In: KOTHARI, Ashish (Org.). *Pluriverso: dicionário do pós-desenvolvimento*. São Paulo: Elefante, 2021.

WALSH, Catherine. Prefacio. In: *Pedagogías Decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re) vivir*. Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013. p.19-22. Tomo I.

WALSH, Catherine. ¿Interculturalidad y (de)colonialidad? Gritos, grietas y siembras desde Abya Yala. In: DINIZ, A. Garcia; PEREIRA, D. Araujo; ALVES, L. Kaminski (org.). *Poéticas e políticas da linguagem em vias de descolonização*. Foz do Iguaçu: Universidad de Integración Latinoamericana, 2017.

Autora Correspondente:

Luciana Galvão Martins

Universidade Federal do Paraná – UFPR

Curitiba/PR, Brasil

lucianagmartins@gmail.com

Este é um artigo de acesso aberto distribuído
sob os termos da licença Creative Commons.

